

## BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, I. 1891 — On a collection of Birds from Chapada, Mato Grosso. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 3: 347-380.
- BEBBE, W. 1917 — Tropical Wild Life in British Guiana. *N. Y. Zool. Soc.*, N. Y., vol. 1, 504 pp.
- BELCHER & SMOOKER, 1937 — Birds of the Colony of Trinidad and Tobago. *Ibis*, 14 (1): 504-550.
- EISENMANN, E. 1952 — Annotated list of Birds of Barro Colorado Island, Panamá Canal Zone, *Smith. Misc. Coll.*, 117:1-62.
- IHERING, H. 1902 — Catálogo crítico comparativo de ninhos e ovos. *Rev. Mus. Paul.*, 4:191-300.
- NEHRKORM, A. 1899 — Katalog der Eiersommung, Braunschweig.
- PINTO, O. 1953 — Sôbre a coleção Carlos Estevão de peles, ninhos e ovos de Aves de Belém (Pará). *Pap. Avulsos D. Z.*, S. P., 2:111-222.
- SKUTCH, A. 1954 — Life History of Central American Birds. *Coop. Orn. Soc.*, Berkely, California, VII 448 pp.

## BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ZOOLOGIA

N.º 20

AGOSTO DE 1958

SÔBRE O NINHO E OS OVOS DE *CYANERPES CYANEUS*  
(LINNÉ)  
(Passeres, Coerebidae)

CORY T. DE CARVALHO  
Museu-Goeldi

Contando esta família com poucas espécies, muitas delas bem comuns nos hemisférios norte e sul, ainda assim muito há que fazer para um melhor conhecimento de seus hábitos de vida. Entre nós são mínimos os informes sôbre os costumes de nidificação de *Cyanerpes cyaneus cyaneus* (Linné), escapando aos mais atentos pesquisadores do passado, apesar do belo matiz e facilidade de identificação e destaque da ave, que rivaliza em côres aos tanagrídeos, já que se veste o macho, na época do acasalamento, dum belo azul safira, com vértice e alto da cabeça de um azul turquesa bem destacado, preto ao redor dos olhos, dorso anterior, asas e cauda. Há ainda como um complemento das côres acima, amarelo nas rêmiges internas. O bico, similar ao do tão conhecido *Coereba flaveola* é fino, pontegudo e negro.

Como os membros da outra família citada (Tanagrídae), vivem estas mais em campos arborizados, em capoeiras nos diversos estágios e na borda das matas, preferindo fora do ciclo reprodutivo a vida em pequenos grupos, nem sempre procurando o tópo das árvores, mas alturas médias, o que de certo modo os torna menos observáveis. São também muito menos tolerantes que *Coereba flaveola* à presença do homem, tanto na confecção do ninho, quanto na alimentação e outros hábitos, ao contrário daquele, que nos é tão familiar.

Assim é que, aproveitando uma feliz oportunidade de observar um casal desta saí azul nidificando no parque do Museu Goeldi, em Belém, no Pará, propomo-nos a desfazer parte das contradições há muito veiculadas a respeito dos ninhos e ovos atribuídos a êle; entretanto, não nos foi possível obter melhores esclarecimentos nem mais detalhes sobre alguns aspectos de sua biologia devido à posição em que fôra edificado o ninho.

**NINHO** — A construção foi efetuada a cerca de dez metros do solo, na copa de uma árvore do parque, em meio a galhos finos, numa bifurcação em desnível. Para sua fixação aos ramos finos foram usadas teias de aranha e mesmo algumas raízes, presas a êle, como nos ninhos de vireonídeos, somente nas bordas, sendo uma das zonas de fixação pouco extensa e ocupando a outra quase um quarto da borda do ninho.

O ninho não é muito bem abrigado, ficando apenas escondido entre as fôlhas, e somente é protegido pelo pequeno diâmetro e altura dos galhos, bem como pela sua própria cor e tamanho moderado. Talvez a descoberta do ninho em estudo não fôsse possível sem a observação da ave colhendo e carregando o material para sua edificação.

A colheita do material nidular foi realizada a cerca de 75 metros do local, sempre pela fêmea, que retirava a matéria prima das aglomerações aéreas de raízes de orquidáceas epifíticas, num esforço digno de nota, geralmente em vôos e aos puxões com o bico, ajudados pelas asas em movimento. O macho a tudo assistia impassível, se bem que muito próximo, e acompanhava de perto a fêmea em suas viagens de transporte. Observava também a edificação a certa distância, mais ou menos sete metros. Esse trabalho era sempre realizado de manhã até às 9 horas, ou à tardinha. Consumiu a construção uns dois ou três dias, pois vimos a fêmea catar raízes em setembro 19, 1956, quando o ninho estava na fase inicial, tendo sido êle completado em setembro 20. Ao chegar a hora do repouso, o casal se afastava, para local que não conseguimos identificar.

O material nidular constou predominantemente de finas raízes de plantas epifitas, geralmente orquidáceas, nervuras de fôlhas e inflorescências em pequena quantidade, e em maior

porção, finíssimas raízes negras de vegetal não identificado. Externamente são colocadas as fibras de maior diâmetro e de cor pardacenta ou mesmo esbranquiçada, dando assim um aspecto claro ao ninho; na parte interna, vão as raízes mais finas e negras, sendo o tecido um tanto frouxo, principalmente nas partes mais laterais do ninho. Media êste ninho: diâmetros externos: 95 x 68 mm, diâmetros internos da boca 45 x 45 mm, profundidade 20 mm. A forma geral era a de uma tija rasa, aproximadamente hemisférica.

Estes dados sobre material e forma do ninho coincidem com aqueles apresentados por Skutch (1954:393) para a subespécie *carneipes* na América Central, com base em 6 ninhos e por Pinto (1953:204), reportando material da coleção Carlos Estevão.

Por outro lado, como já observara Skutch (loc. cit.) êste tipo de ninho difere fortemente daquele descrito para a mesma espécie por Beebe (1917:241) e Belcher & Smooker (1937:511), bem como do de um coletado por E. Sneathlage e conservado nas coleções do Museu Goeldi.

O ninho descrito por Beebe (loc. cit., fig. 75) era suspenso como o dos icterídeos, de paredes muito finas e transparentes, porém fortes, medindo externamente 17 cm de altura por 8 de largura e internamente 7 x 4 cm. Continha dois ovos negros ou violáceos enegrecidos. No entanto, Beebe descreve a figura mais atrás (loc. cit.: 234, fig. 72) um ninho que atribui a *Pipra aureola* e que corresponde em forma, dimensões e material àquêles vistos por Skutch, por Pinto e por nós. Descreve êle também (loc. cit.: 234) a fêmea que viu no ninho atribuído a *Pipra aureola*: "uniformly dark olive-green, with lighter throat, dark bill, and bright red legs and feet". Ora, a fêmea de *Pipra aureola* tem os pés e pernas cinza claro, ao passo que a fêmea de *Cyanerpes cyaneus* os tem, como descrito, vermelhos. Assim, é muito provável que Beebe tenha confundido as duas espécies. Pela descrição da fêmea é praticamente certo que tenha atribuído a *Pipra aureola* o ninho de *Cyanerpes cyaneus*. Não é impossível pois que êle tenha atribuído ao último o ninho do primeiro, com seus estranhos ovos negros.

Por outro lado, Emile Snethlage, renomada conhecedora da nossa ornitofauna e perspicaz observadora, deixou rotulada na coleção do Museu Goeldi um ninho em forma de bolsa, como sendo de *Cyanerpes cyaneus*. Das notas que deixou, depreende-se claramente que não observou a ave no ninho, mas que apenas abateu um casal nas proximidades dêle. Este fato, a nosso ver, por si só não justifica a atribuição do ninho à espécie, visto ser comum aves freqüentando as vizinhanças dos ninhos de outras, muitas vezes até mesmo dêles retirando material para a construção dos seus próprios.

Parece difícil que pertençam a esta forma os ovos negros descritos por Beebe (loc. cit.) e coletados por Snethlage, como aliás, já havia sugerido Eisenmann (apud Skutch, loc. cit.).

Allen (1891), Pinto (1953) e Skutch (1954) descrevem, contudo, ovos brancos, manchados de marron, violáceos e ferrugíneos no polo mais grosso e medindo, no norte do Brasil, entre 17.0 x 13.0 e 16.0 x 12.0 mm, menores portanto que os da subespécie da América Central, os quais medidos por Skutch, tinham 21.0 x 15.5 mm.

Assim, os ovos negros e fôscos, mais ou menos equipolares e com medidas próximas a 19.3 x 14.05 e 19.95 x 14.05 mm (do Museu Goeldi) e atribuídos desde Nehrkorn (1899:94, Taf. 3, fig. 26), Snethlage (1916, nota), Beebe (loc. cit.: 242) até Belcher & Smooker (loc. cit.: 317) ao saí azul (Blue Honey-creeper) desde tão longa data, provavelmente não pertençam ao mesmo, sendo provável, como para o ninho pênsil, melhor dirigida sua paternidade a outra ave.

OUTRAS NOTAS — Não nos foi possível saber quando a fêmea pôs os ovos; contudo, a construção foi realizada entre 18 e 20 de setembro. O intervalo entre o fim da construção, e a saída dos filhotes do ninho foi de 22 dias, já que um dos filhotes jovens foi capturado ao sair do ninho e veio às nossas mãos, em outubro 12. Segundo Skutch a postura é realizada em dias consecutivos, a incubação dura 12 dias e a criação dos jovens no ninho 14 dias, o que ultrapassa nossa observação em 6 dias.

Parece-nos também que as referidas aves nidificam duas vezes num mesmo ano, já que novamente em dezembro 20, 1956, vimos um casal alimentar um jovem em frente à nossa sala de trabalho. Não sendo essas aves muito abundantes no parque do Museu, supomos que se trate do mesmo casal.

Também o período reprodutivo da raça *carneipes* difere do típico *cyaneus*, posto que os primeiros nidificam, segundo Skutch, entre abril e junho, sendo os machos adultos encontrados em sua plumagem azul entre março e julho. No Baixo Amazonas, a nidificação ocorre entre setembro e janeiro, e a plumagem nupcial de agosto a fevereiro, com maior incidência de machos azuis de dezembro a fevereiro.

## SUMMARY

The author has followed the building of a nest of *Cyanerpes c. cyaneus* in gardens of the Museu Goeldi, Belém, Pará.

The materials and shape of the nest and building activities of the bird as observed agree very well with Skutch's (1954) observations in Costa Rica. It was on thin branches at a height of about 10 meters. It was cup-shaped, shallow; the outer parts were built of light-colored fibers and rootlets of epiphytic orchids, thin branches and inflorescences, while the inner lining was made of blackish, thinner rootlets (unidentified). The nest was attached to the branches by spider web threads. Building activities were displayed only by the female, which tore the materials in flight with tremendous efforts. The male kept by, but did not help its mate. Three days were taken to complete the work.

The author suggests that the nests of oriole type attributed to the species by Beebe (1917), Belcher & Smooker (1937) and Snethlage (one nest in the Museu Goeldi collection) actually belong to other species. In Beebe's case it is probable that the nest attributed to *C. cyaneus* is one of *Pipra aureola* and vice-versa; the nest he describes as belonging to the latter is very similar to ours, and contained a female whose description fits the coerebid and not the piprid. Snethlage thought the nest did belong to *C. cyaneus* because she saw a couple in the vicinity, which does not seem to proof enough.